

Saudações a todos, eu me chamo Priscila Barbosa de Freitas, sou do povo Karipuna, da região do Rio Oiapoque, graduada no Curso de Direito na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Binacional em Oiapoque, minhas afetuosas condolências a todas as famílias que perderam seus entes queridos nesse período de pandemia. Meus sinceros agradecimentos a todos os parceiros que contribuíram de forma direta e indireta para o atendimento básico à saúde nas comunidades indígenas.

O PET-Indígena foi um desses parceiros, muitas vezes eu recorri aos relatos dos parentes que foram publicados pelo PET-Indígena para justificar os pedidos para as instituições governamentais e não governamentais, para que levassem o atendimento às comunidades indígenas. Quando eles falavam que as comunidades estavam sendo assistidas com medicamentos, que tinha profissional de saúde, que nós estávamos bem, que o que estávamos pedindo eles já tinham mandando, nesses momentos nós recorremos ao PET-Indígena através dos relatos, nós recorriamos às lideranças de base, aos caciques, aos relatos deles, nós mostrávamos as cartas que eram encaminhadas para a gente, o PET-Indígena contribuiu muito nisso, na visibilidade da situação nas aldeias, muito mesmo.

Das 19 mortes no município do Oiapoque 14 são de indígenas, e isso nos assusta. Nós, como Movimento Indígena, buscamos o melhor para os atendimentos de saúde, com medicamentos, com recursos humanos, com profissionais da saúde, cestas básicas entre outros.

Solicitávamos, fazíamos pedidos, justificávamos, cobrávamos do Estado. É de dever dele, do Estado, atender às comunidade indígenas! Fizemos tudo da melhor forma que poderíamos, mas mesmo assim não foi suficiente, muitos morreram. Nós também tivemos perdas próximas, de quem estava na linha de frente, perdemos muito, mas mesmo assim, com as dores do luto de nossos familiares, nós continuamos lutando. É como se a nossa tristeza se transformasse em força, pedimos muita ajuda dos nossos Karuânas e de Deus para continuar, sabedoria para ajudar as comunidades. Quando o pico da COVID diminuiu nas nossas comunidades fomos notando as sequelas, muitas deles são psicológicas, e também o agravamento de outras doenças. Está nítido que o Estado não oferece condições adequadas a esse atendimento à saúde, nem para os povos indígenas e nem para a comunidade local aqui do município de Oiapoque, o caos é geral.

No meio desse caos nós buscamos a nossa medicina tradicional, nossos conhecimentos medicinais. Eles contribuíram muito para que não tivéssemos mais perdas e a COVID-19 não se agravasse mais dentro das comunidades. Quando adoeci, eu recebi os remédios vindo das comunidades e eu agradeço a quem mandou, as pessoas que mandaram para eu tomar. Sou do grupo de risco, passei muito mal quando fui contaminada com a COVID-19, tive que ser internada, mas usava muito a medicina tradicional, meus amigos mandavam receitas e eu fazia. Mesmo assim, pós COVID, ainda sinto sequelas ao respirar, tenho dificuldades com a comunicação e com a fala, eu me sinto muito cansada, e até hoje continuo fazendo uso dos chás, também comeci a plantar algumas espécies dessas plantas para que eu faça chá para eu tomar, eu aprendi muito nessa pandemia, nessa troca de conhecimentos da medicina tradicional.

Os problemas psicológicos pós COVID-19 são bastante comuns, principalmente na nossa região do rio Oiapoque, onde nós tivemos 4 óbitos da COVID-19. Lá as aldeias são pequenas e há vários casos de pessoas com problemas psicológicos, com depressão. Nos preocupamos ainda mais porque o Distrito Sanitário Indígena do Amapá e Norte do Pará não tem profissionais disponíveis A COVID-19 para a gente ainda é uma preocupação, apesar de ter diminuído nas comunidades, porém ainda é uma doença muito desconhecida. As pessoas estão voltando as suas vidas "normais", como se a doença não oferecesse mais perigo para as suas vidas, mas nós sabemos que ainda existe perigo, e nós temos que tomar todos os cuidados, seguindo os protocolos e medidas de prevenção, precisamos continuar com as nossas normas de prevenção da COVID-19, porque se tiver uma segunda onda nós não estamos preparados para isso, nem um pouco!

Sentimos na pele que o Sistema de Saúde é muito fragilizado, principalmente nos atendimentos das comunidades indígenas. Então, se houver uma segunda onda, nós vamos perder mais vidas para a COVID-19. Por isso os cuidados têm que ser retomados dentro das comunidades, para ajudar nessas medidas de prevenção. Eu peço a todos que estão lendo esse relato que continuem tendo os cuidados necessários para a prevenção da COVID-19 dentro e fora das comunidades indígenas.

Essa pandemia nos deixou com muitas saudades das pessoas que nós amávamos, que nós amamos, eu sou uma que sente saudades. Aqui no Oiapoque, quem me ajudava com as crianças, quem todo dia ligava para saber como a gente estava, era a avó dos meus filhos. Eu acompanhei quando ela estava doente, levava as coisas para as comunidades indígenas e, quando retornava, ia vê-la, olhar ela. Até que um dia ela me ligou em um domingo, ela me mandou mensagem me pedindo que eu fosse lá, na casa dela, porque ela queria conversar comigo. Eu tinha que levar materiais de ajuda para a Aldeia Kunanã, avisei a ela que voltaria no mesmo dia e passaria em sua casa. Mas quando eu voltei, não consegui ir vê-la porque a minha avó estava doente, eu cuidava dos meus avós e dela, eram 3, isso porque não tinha ninguém aqui no Oiapoque, ir só eu, e eu me desdobrai. Eu fui vê-la era 11 horas da noite, foi só quando consegui ir em sua casa. Quando cheguei e fui medir a pressão dela tomei um suco tão grande, eu vi que ela estava com falta de ar e a levei para o hospital. Chegando lá vimos que a saturação dela estava 80, levaram direto para a sala de oxigênio. Passamos dois dias para pedir a transferência dela e, depois de muita luta, conseguimos sua ida para Macapá, já intubada. Eu fui junto, eu acompanhei ela porque nós éramos muito amigas, muito mesmo! Todo momento eu dizia que iria trazer ela com vida, dizia para ela que ela não se preocupasse, que eu iria fazer tudo que eu podia para trazer ela com vida! Ela tinha muito medo de ser intubada, mas em Macapá, após quatro dias, ela não resistiu...

Para mim foi um choque muito grande, mesmo sabendo que o estado dela era muito grave. Eu tinha visto nos exames dela que o seu pulmão já estava 75% comprometido, ela era uma senhora, estava com diabetes, estava com a pressão descontrolada, os rins comprometidos... Mas eu não me conformava... Como eu iria fazer isso com os filhos? Quem me ajudava com as crianças era ela, sempre foi ela!

Hoje eu estou me readaptando, estou me readucando sem ela, mas é muito difícil. Eu não apago as nossas mensagens pelo whatsapp, eu escuto, às vezes, as mensagens dela, os conselhos... mas é muito difícil... Também perdemos tíos, meu pai esteve em estado grave também, aí é bem complicado, mas a gente segue. Quando eu vim fazer esse relato fazia tempo que eu não falava isso com ninguém, veio toda aquela tristeza de não poder fazer nada. Tu te doa para ajudar todo mundo, fazer pelas pessoas que tu não conhece, mas quando chego com a tua família, tu não consegue, por mais que tu faça, tu acha que nunca fez o possível... Eu me culpo muito ainda pela perda dos meus familiares, pela perda do meu tio, da minha sogra, que era minha amiga, eu me culpo todos os dias... Eu fico pensando, meu Deus, se eu tivesse feito isso, tivesse feito aquilo, talvez eles não teriam ido... a gente fica se culpando... Obrigado por escutar meu relato, hoje consegui desabafar com o meu celular, parece uma terapia, o PET também é uma terapia...

Oiapoque, Amapá, Brasil
20 de agosto de 2020.

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Mes salutations à tous, je m'appelle Priscila Barbosa de Freitas, je suis du peuple Karipuna, de la région du Fleuve Oiapoque, étudiante en Cours de Droit à l'Université Fédérale de Amapá-UNIFAP, Campus Binacional à Oiapoque, mes sincères condoléances à toutes les familles qui ont perdu leurs êtres chers en cette période de pandémie. Mes sincères remerciements à tous les partenaires qui ont contribué de manière directe et indirecte aux consultations de santé basiques dans les communautés indigènes.

Le PET-indigène a été un de ces partenaires, j'ai plusieurs fois eu recours aux récits des parents qui ont été publiés par le PET-indigène pour justifier les demandes aux institutions gouvernementales et non gouvernementales, afin qu'ils puissent faire des consultations dans les communautés indigènes. Quand ils ont dit que les communautés étaient assistées avec des médicaments, qu'il y avait de professionnel de la santé, que nous allions bien, que ce qu'on demandait, ils l'avaient déjà envoyé, en ces moments nous avons eu recours au PET-indigène à travers les récits, nous avons eu recours aux leaders de base, aux chamans, à leurs récits, nous avons montré les lettres qui nous étaient transmises, le PET-Indigène a contribué beaucoup à cela, à la visibilité de la situation dans les villages, beaucoup même.

Des 19 morts dans la municipalité de Oiapoque 14 sont des indigènes, et c'est cela qui nous fait peur. Nous, en tant que Mouvement Indigène, nous recherchons le meilleur pour les consultations de santé, avec des médicaments, avec des ressources humaines, avec des professionnels de la santé, des kits d'aliments de base entre autres. Nous sollicitons, nous faisons des demandes, nous justifions, nous exigeons de l'État. C'est le devoir de l'État, répondre aux communautés indigènes! Nous avons tout fait de la meilleure forme que nous pouvions, mais même ainsi ce n'était pas suffisant, beaucoup sont morts. Nous aussi avons eu des pertes de proches, de qui était au front au combat, nous avons beaucoup perdu, mais même ainsi, avec les douleurs de deuil de nos familles, nous continuons à lutter. C'est comme si notre tristesse se transformait en force, nous avons demandé beaucoup d'aide de nos Karuânas et de Dieu pour continuer, la sagesse pour aider les communautés. Quand le pic de Covid a diminué dans nos communautés nous avons noté les séquelles, beaucoup d'enfants étaient psychologues, mais aussi l'aggravation d'autres maladies. C'est clair que l'État n'offre pas les conditions adéquates pour la consultation en santé, ni pour les peuples indigènes et ni pour la communauté locale ici de la municipalité de Oiapoque, le chaos est général.

Au milieu de ce chaos, nous avons recherché notre médecine traditionnelle, nos connaissances médicales. Elles ont beaucoup contribué afin de ne plus avoir de pertes et que le Covid-19 ne s'aggrave plus dans les communautés. Quand je suis tombé malade, j'ai reçu des remèdes venant des communautés et je remercie celui qui les a envoyés, les personnes qui l'ont envoyé pour que je puisse les prendre. Je suis du groupe de risque, j'allais très mal quand j'ai été contaminé du Covid-19, j'ai dû être interné, mais j'utilisais beaucoup la médecine traditionnelle, mes amis m'envoyaient des recettes et je les faisais. Mais même ainsi, l'après Covid, je ressens encore des séquelles pour respirer, j'ai des difficultés avec la communication et le parler, je me sens beaucoup fatiguée, et jusqu'à aujourd'hui je continue l'utilisation des tisanes, j'ai commencé aussi à planter certaines espèces de ces plantes avec lesquelles je faisais de la tisane à boire, j'ai beaucoup appris pendant cette pandémie, dans cet échange de la médecine traditionnelle.

Les problèmes psychologiques après Covid-19 sont suffisamment communs, principalement dans notre région du fleuve Oiapoque, où nous avons eu 04 décès de Covid-19. Là les villages sont petits et il y a plusieurs cas de personnes avec des problèmes psychologiques, avec la dépression. Nous sommes encore plus préoccupés parce que le District Sanitaire Indigène de Amapá et du Nord Pará n'ont pas de professionnels disponibles. Le Covid-19 pour nous est encore une préoccupation, malgré le fait que cela a diminué dans les communautés, cependant c'est encore une maladie très inconnue. Les personnes retournent à leurs vies "normales", comme si la maladie n'avait plus de danger pour leurs vies, mais nous savons qu'il existe encore de danger, et nous devons prendre toutes les mesures, en suivant les protocoles et les mesures de prévention, nous devons continuer avec nos normes de prévention du Covid-19, parce que s'il y a une seconde vague, nous ne sommes pas préparés pour ça, ni un peu!

Nous avons senti dans la chair que le Système de Santé est très fragile, principalement pendant nos consultations dans les communautés indigènes. Alors, s'il y a une seconde vague, nous allons perdre plus de vies par le Covid-19. C'est pourquoi les mesures doivent être reprises dans les communautés indigènes, pour aider ces mesures de prévention. Je demande à tous ceux qui lisent ce récit de continuer à prendre les mesures nécessaires pour la prévention du Covid-19 à l'intérieur et à l'extérieur des communautés indigènes.

Cette pandémie nous a laissé avec beaucoup de manque des personnes que nous avons aimé, que nous aimons, je suis une de ceux qui ressentent le manque. Ici à Oiapoque, celle qui m'aidait avec les enfants, celle qui appelait tous les jours pour savoir comment on allait, était la grand-mère de mes enfants. J'étais à son chevet quand elle était malade, j'apportais des choses pour les communautés indigènes et, quand je retournais, j'allais la voir, la regarder. Jusqu'à ce qu'elle m'appelle un jour, un dimanche, elle m'a envoyé un message me demandant d'aller là dans sa maison, parce qu'elle voulait parler avec moi. Je devais apporter des matériaux pour aider dans le Village Kunanã, j'ai avisé que je retournerais le même jour et passerai dans sa maison. Mais au retour, je n'ai pas pu la voir parce que ma grand-mère était malade, je prenais soin d'elle et de mes grands-parents, ils étaient 03, c'est pourquoi il n'y avait personne ici à Oiapoque, c'était seulement moi et je me dédoublais. Je suis allée la voir à 11heures du soir, c'était le seul moment où j'ai pu aller dans sa maison. Quand je suis arrivée et j'ai pris sa pression, j'ai eu très peur, j'ai vu qu'elle manquait d'air et je l'ai emmenée à l'hôpital. En arrivant là, nous avons vu que sa saturation était à 80, ils l'ont emmené directement dans la salle d'oxygène. Nous avons passé deux jours pour demander son transfert et, après une grande lutte, nous avons réussi à avoir son transfert pour Macapá, déjà intubée. Je suis allée ensemble avec elle, je l'ai accompagné parce que nous étions très amies, beaucoup même! À chaque fois, je disais que j'allais la ramener en vie, je lui disais de ne pas se préoccuper, que j'allais faire tout mon possible pour la ramener en vie! Elle avait très peur d'être intubée, mais à Macapá, après quatre jours, elle n'a pas pu résister...

Pour moi, cela a été un très grand choc, même en sachant que son état était très grave. J'avais déjà vu dans ses examens que son poumon était déjà compromis à 75%, elle était une personne agée, avait le diabète, avait une pression non contrôlée, les reins en mauvais état... Mais je ne voulais pas y croire... Comment j'allais l'annoncer à mes enfants? Celle qui m'aidait avec les enfants c'était elle, ça toujours été elle!

Aujourd'hui je me readapte, je me rééduque sans elle, mais c'est très difficile. Je n'ai supprimé nos messages whatsapp, j'écoute, parfois, ses messages, ses conseils... mais c'est très difficile... Nous avons aussi perdu des oncles, mon père était aussi dans un état grave, ceci est bien compliqué, mais on va de l'avant. Quand je faisais ce récit, cela faisait longtemps, je ne parlais plus de ça avec personne, toute cette tristesse de ne pouvoir rien faire est revenue. Tu te donnes pour aider tout le monde, fais des choses pour des personnes que tu ne connais pas, mais quand arriver le moment avec ta famille, tu n'y arrives pas, malgré le fait d'avoir fait plus, tu penses que tu n'as jamais fait tout ton possible... Je culpabilise beaucoup encore pour la perte des personnes de ma famille, pour la perte de mon oncle, de ma belle-mère, qui était mon amie, je me culpabilise tous les jours... Je pense, mon Dieu, si j'avais fais ceci ou cela, peut être qu'il n'aurait pas partis... on se culpabilise... Merci d'avoir écouté mon récit, aujourd'hui j'ai pu me défouler avec mon téléphone, ça paraît comme une thérapie, le PET est une thérapie aussi...

Oiapoque, Amapá, Brésil
20 Août 2020

Récit reçu en audio et transcrit par Danilo Cavalcante de Souza

Traduit par Manuella Adèle Fifamê CHOKKI

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Greetings to all, my name is Priscila Barbosa de Freitas, I belong to the Karipuna people, I am from the Oiapoque River region, I am a Law student at the Federal University of Amapá – UNIFAP, Binational Campus in Oiapoque. I would like to express my affectionate condolences to all the families who lost their loved ones in this pandemic. My sincere thanks to all the partners who contributed directly and indirectly to the health care of our indigenous communities.

"PET-Indígena" was one of these partners, many times I consulted the reports of our relatives that were published by this project aimed to request the governmental and non-governmental institutions to take care of indigenous communities. They said that the communities were receiving medicines, that there were health professionals, that we were fine, that what we were asking for they had already resolved. At those moments, we resorted to the reports of PET-Indígena; we resorted to the leaders of the base, to the chiefs, to their reports, we used to show the letters that were sent to us, PET-Indígena has contributed a lot to this, regarding the visibility of the situation in the villages, for sure.

Among the 19 deaths in the municipality of Oiapoque, 14 of them were indigenous, and this scares us. As an Indigenous Movement, we seek to enhance our health care, through medicines, human resources, health professionals, basic food donations, and so on. We have requested, asked, justified, charged the State government. That is their duty, they are responsible to assist the indigenous communities! We did the best that we could, but it still wasn't enough, many of them died. We also have lost close ones, those who were on the front line, we've lost a lot of people, but even so, with the pain of our family's mourning, we kept fighting. I feel like our sadness becomes strength, we've asked for a lot of help from our Karuânas and from God to keep up, and wisdom to help the communities. When the peak of COVID decreased in our communities, we noticed the consequences, many of them are psychological, also, we've noticed that the other diseases got worse. That is clear that the State does not offer adequate conditions for the health care system, is general for indigenous peoples nor for the local community here in Oiapoque, the chaos is, neither.

Amid this chaos, we seek our traditional medicine, our medicinal knowledge. It has contributed a lot so that we would not have any more losses and COVID-19 would not get worse within the communities. When I got sick, I received the medicines from the communities and I thank the one who sent them. I belong to the risk group, I was very ill when I was contaminated with COVID-19, I had to be hospitalized, but I used traditional medicine a lot, my friends sent prescriptions and I used to make it. Even so, after COVID, I still feel sequelae when I breathe, I have difficulties when I speak and communicate. I feel very tired, and even today I still drink the teas, I also started planting some species of these plants so that I can make tea for me, I learned a lot in this pandemic, amidst this exchange of knowledge of traditional medicine.

Psychological problems after COVID-19 are quite common, especially in our region of the Oiapoque River, where we had 4 deaths caused by COVID-19. The villages are small and there are several cases of people with psychological problems, with depression. We are even more concerned because the Indigenous Sanitary District of Amapá and North of Pará has no available professionals. So COVID-19 is still a concern to us, despite having decreased in the communities, it is still a very unknown disease. People are going back to their "normal" lives as if the disease does not offer more danger to their lives, but we know that there is still danger, and we must take all precautions, following the protocols and preventive measures, we need to continue with our COVID-19 prevention rules, because if there is a second wave, we are not going to be prepared for it, not at all!

We have experienced that the Health System is very fragile, mainly in the indigenous communities. So, if there is a second wave, we will lose more lives to COVID-19. Therefore, the precautions must be taken inside the communities to help with these preventive measures. I urge everyone who is reading this report to continue to take the necessary precautions for the prevention of COVID-19 inside and outside indigenous communities.

This pandemic made us miss the people that we used to love and that we love, I am one of them. Here in Oiapoque, the one who helped me with the children, who called me every day to find out how we were doing, was my children's grandmother. I stayed by her side when she was sick, I used to take some stuff to the indigenous communities, and then, I went to see her, look at her. On a certain day, she called me on a Sunday, she texted me asking me to go to her house because she wanted to talk to me. I had to take help materials to the Kunanã Village, I told her that I would return in the same day and stop by her house. But when I came back, I couldn't go to see her because my grandmother was sick. I used to take care of my grandparents and her, which means 3 people, but there was no one here in Oiapoque, it was just me, and I worked hard. I went to see her at 11 pm, that was when I managed to go to her house. When I arrived there and measured her pressure, I was so scared, I saw that she could not breathe well, so I took her to the hospital. When we got there, we saw that her saturation was 80, they took her straight to the oxygen room. We spent two days asking for her transfer and, after a lot of struggle, we managed to get her to Macapá, she was already intubated. The time that I, stayed by her side because we were close to Macapá, very much! I went with the thought that I would bring her alive, I told her not to worry, because I would do everything I could to bring her alive! She was very afraid of being intubated, but in Macapá, after four days, she didn't resist ...

It was such a huge shock for me, even though I knew that her condition was very serious. I had seen in her exams that her lung was already 75% affected, she was a lady, she had diabetes, she had uncontrolled pressure, her kidneys were affected... But I didn't come to terms with it ... How would I say that to my children? She was the one who helped me the children, it was always her!

Today I am trying to readapt, I am re-educating myself to the fact of living without her, but it is very difficult. I haven't deleted our messages on WhatsApp, I sometimes listen to her messages, advice ... but it is very difficult ... We also lost uncles, my father was in a serious condition, too, it is very complicated, but we have to move forward. When I started to write this report, it was a long time since I mention to someone about it, all that sadness of not being able to do anything came right away. You donate your time to help everyone, you help people you don't know, but when the case is in your family, you can't, no matter what you do, you always think you never did the best ... I still blame myself a lot for the loss of my family, my uncle, my mother-in-law, who was my friend, I blame myself every day ... I keep thinking, my God, if I had done this, had done that, maybe they would not have passed away ... we keep blessing ourselves... Thanks for listening to my report, today I managed to vent through my phone, it seems like a therapy, PET is also a therapy...

Oiapoque, Amapá, Brazil
August 20, 2020.

Report received in audio and transcribed by Danilo Cavalcante de Souza

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Saludos a todos, me llamo Priscila Barbosa de Freitas, soy del pueblo Karipuna, de la región del río Oiapoque, graduada en la carrera de Derecho en la Universidad Federal de Amapá, Campus Binacional en Oiapoque, mis afectuosas condolencias a todas las familias, que perdieron a sus seres queridos en ese periodo de pandemia. Mis sinceros agradecimientos a todos los compañeros que contribuyeron, de forma directa e indirecta para el atendimento básico a la salud en las comunidades indígenas.

O PET-INDÍGENA fue uno de esos compañeros, muchas veces recorrí los relatos de los parientes, que fueron publicados por el PET-INDÍGENA para justificar los pedidos para las instituciones gubernamentales y no gubernamentales, para que llevaran el atendimento a las comunidades indígenas. Cuando ellos decían que las comunidades estaban siendo asistidas con medicamentos, que había un profesional de salud, que nosotros estábamos bien, que lo que estábamos pidiendo ellos ya lo habían mandado, en ese momento nosotros recurrimos al PET-INDÍGENA a través de los relatos, nosotros recurriamos a los líderes de base, a los Caciques, a sus relatos, nosotros mostrábamos las cartas que eran dirigidas para la gente, el PET-INDÍGENA contribuyó mucho en eso, en la visibilidad de la situación en las aldeas.

De las 19 muertes en el municipio de Oiapoque, 14 son indígenas y eso nos asusta. Nosotros como Movimento Indígena, buscamos lo mejor para el atendimento de la salud, con medicamentos, con recursos humanos, con profesionales de la salud, cestas básicas entre otros. Solicitábamos, hacíamos pedidos, justificábamos y cobrábamos del Estado. Es el deber del Estado, atender a las comunidades indígenas. Hicimos todo de la mejor forma que podríamos, pero aún así no fue suficiente, muchos murieron. Nosotros también tuvimos pérdidas cercanas, de quien estaba en primera línea, perdimos mucho, pero aún así, con el dolor de los de nuestros familiares nosotros continuamos luchando.

Es como si nuestra tristeza se transformase en fuerza, pedimos mucha ayuda de nuestros Kuruânas y de Dios para continuar, pedimos sabiduría para ayudar a las comunidades. Cuando el pico del Covid-19 disminuyó en nuestras comunidades, fuimos notando las sequelas, muchas de ellas son psicológicas y también la gravedad de otras enfermedades. Está claro que el Estado no ofrece condiciones adecuadas para el atendimento de la salud, ni para los pueblos indígenas y ni para la comunidad local, aquí en el municipio de Oiapoque el caos es general. En medio de ese caos nosotros buscamos nuestra medicina tradicional, nuestros conocimientos medicinales. Ellos contribuyeron mucho a que no tengamos más pérdidas y que el COVID-19 no se empeore más dentro de las comunidades. Cuando enfermé, recibí los remedios traídos de las comunidades y agradezco a quien las mandó, a las personas que los mandaron para que los tome. Soy del grupo de riesgo, la pasé muy mal cuando me contagié del Covid-19, tuve que ser internada, pero usaba mucho la medicina tradicional, mis amigos mandaban las recetas y yo las hacía. Aún después del Covid-19, todavía siento secuelas al respirar, tengo dificultades con la comunicación y con el habla, me siento muy cansada y hasta hoy sigo haciendo uso del té, también comencé a plantar algunas especies de esas plantas, para que pueda hacer más té, aprendí mucho en esa pandemia, en ese intercambio de conocimientos de la medicina tradicional.

Los problemas psicológicos después del Covid-19 son bastante comunes, principalmente en nuestra región del río Oiapoque, donde nosotros tuvimos 4 muertes por Covid-19. Allí las aldeas son pequeñas y hay varios casos de personas con problemas psicológicos, con depresión. Nos preocupamos aún más, porque el Distrito Sanitario Indígena de Amapá y en el norte de Pará no hay profesionales disponibles al COVID-19, para nosotros aún es una preocupación, a pesar de haberse disminuido en las comunidades, sin embargo todavía es una enfermedad desconocida. Las personas están volviendo a sus vidas normales, como si la enfermedad no ofreciese más peligro para sus vidas, pero nosotros sabemos que todavía hay peligro y tenemos que tener cuidado, siguiendo los protocolos y medidas de prevención, debemos continuar con nuestras normas de prevención del Covid-19, porque si hubiese una segunda onda nosotros no estamos preparados para eso, ni un poco.

Sentimos en la piel que el Sistema de Salud es muy débil, principalmente en los atendimientos de las comunidades indígenas. Entonces, si hubiese una segunda onda, nosotros perderemos más vidas por el Covid-19. Por eso los cuidados tienen que ser retomados dentro de las comunidades, para ayudar en esas medidas de prevención. Yo pido a todos que están leyendo este relato que, continúen con los cuidados necesarios para la prevención del Covid-19 dentro y fuera de las comunidades indígenas.

Esta pandemia nos dejó con mucha falta de las personas que yo amábamos, que amamos, soy una que les echa de menos. Aquí en Oiapoque, quien me ayudaba con los niños, que quien todo los días llamaba para saber como estábamos, era la abuela de mis hijos. La seguí cuando estaba enferma, llevaba las cosas a las comunidades indígenas y cuando volvía la iba a ver. Hasta que un día ella me llamó en un domingo, me mandó un mensaje pidiendo que vaya allí, a su casa, porque ella quería conversar conmigo. Yo tenía que llevar materiales de ayuda a la aldea Kunanã, la avisé que volvería en el mismo día y pasaría por su casa. Pero cuando volví no pude ir a verla, porque mi abuela estaba enferma, yo cuidaba de mis abuelos y de ella, eran 3, solo porque no tenía a nadie aquí en Oiapoque, me ocupaba yo y estaba desbordada. Cuando fui a verla ya era las 11 de la noche, fue cuando pedía ir a su casa. Cuando llegué fui a medir la presión y me llevé un gran susto, vi que ella estaba con falta de aire y la llevé al hospital. Llegando allí vimos que su saturación estaba en 80, la llevaron directo a la sala de oxígeno. Pasamos dos días para pedir su transferencia, después de mucha lucha conseguimos llevarla a Macapá, ya intubada. Fui junto con ella, la acompañé porque éramos muy amigas. Todo el tiempo decía que la traería con vida, lo decía para que no se preocupe, que haría todo lo que podía para traerla con vida. Ella tenía mucho miedo de ser intubada, pero en Macapá, después de cuatro días ella no resistió.

Para mí fue un gran choque, aún sabiendo que el estado de ella era muy grave. Había visto en los exámenes que su pulmon ya estaba 75% comprometido, ella era una señora con diabetes, con la presión descontrolada, los riñones comprometidos. Pero no me conformaba. ¿Cómo se lo diría a mis hijos? Quien me ayudaba con los niños era ella y siempre fue ella.

Hoy me estoy readaptando, me estoy readucando sin ella, pero es muy difícil. No elimino nuestros mensajes de WhatsApp, escucho a veces sus mensajes, sus consejos, pero es difícil. También perdimos a nuestros tíos, mi padre también estaba en estado grave, es difícil de explicar, pero seguimos vivos. Cuando vine a hacer este relato, hacía tiempo que no hablaba con nadie de esto, ven toda esa tristeza de no poder hacer nada. Te esfuerzas en ayudar a todos, ayudar a personas que no conoces, pero cuando le toca a tu familia no puedes hacer nada, por más que lo hagas, piensas que nunca hiciste lo posible. Me culpo todavía por la pérdida de mis familiares, por la pérdida de mi tío, de mi suegra que era mi amiga, me culpo todos los días. Me quedo pensando, Dios mío, si hubiera hecho eso, si hubiera hecho aquello, tal vez ellos no se hubieran ido, nos culpamos. Gracias por escuchar mi relato, hoy conseguí desahogarme con mi teléfono, parece una terapia, el PET también es una terapia.

Oiapoque, Amapá, Brasil 20 de agosto de 2020.

Relato recibido en audio y transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

Traduzido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

